

ria coerente, porém, que páginas após ter louvado a lealdade e dedicação de fidalgos e cidadãos e as grandes merçês com que o Mestre recompensara os seus homens, o mesmo autor fosse censurar putativos excessos. De resto, a referência é por demais objetiva para poder insinuar ironia. De igual modo se estranha ainda uma eventual derisão em relação a familiares dos que, no tempo da escrita, defenderiam a regência de D. Pedro. De alguma forma, parece haver necessidade de minorar o radicalismo dos encómios, coartando possíveis alterações aos protocolos de escrita. Fernão Lopes revela ter uma noção clara do dispositivo a utilizar. E os capítulos CLIX-XCLXIII fixam o retrato oficial da tríade Mestre – Condestável – povo (*l.s.*) que o cronista transmuda em coroação literária, uma das modalidades da confirmação retórica, a preceder a distante peroração jurídica, ainda sua, mas partilhada com João das Regras.

À revisão crítica da bibliografia publicada e ao contributo inovador da aturada demonstração do poder retórico do texto, o estudo de MAM acrescenta o notável mérito de estabelecer uma fecunda ponte entre estudos literários portugueses e brasileiros, divulgando, na comunidade académica brasileira, uma visão revalorizadora da vertente estética da crónica tantas vezes dissipada pela discussão ideológica.

Ana Maria Machado

ANTERO DE QUENTAL E A VIAGEM À AMÉRICA. REMANDO CONTRA A MARÉ
ANA MARIA ALMEIDA MARTINS
 Lisboa, Tinta da China, 2011
 160 páginas, ISBN 978-989-671054-5

Conhecedora profunda de Antero de Quental, Ana Maria Almeida Martins tem dedicado uma obra vasta e de grande rigor ao estudo desta aurática figura da nossa cultura. O volume que acaba de publicar é dedicado a um dos momentos mais obscuros (e intrigantes) da vida do poeta – a viagem à América, no verão de 1869 – e que também por isso se tem prestado a uma certa efabulação: ora se considera um episódio inconsequente, ora se lhe atribui uma importância decisiva na evolução do seu pensamento político. AMM propõe-se rever os dados desta misteriosa aventura, «remando contra a maré» da mitificação. E fá-lo encadeando a exaustiva informação factual numa saborosa narrativa bio-bibliográfica, capaz de interessar tanto o leitor comum como o estudioso da obra de Antero. Esse fio narrativo permite-lhe, por outro lado, contrabalançar alguma descontinuidade entre os vários capítulos do livro.

Desengane-se porém quem espera, com este título sugestivo, conhecer finalmente os pormenores da estada do poeta no Novo Continente, as suas impressões acerca das cidades, das pessoas ou da organização política e social. Muito se tem especulado mas pouco se continua a saber porque os testemu-

nhos são escassos e a sua credibilidade duvidosa. Os principais relatos da viagem são indiretos e tardios: uma carta do capitão e proprietário do navio mercante, Joaquim de Almeida Negrão, descrevendo as várias peripécias da travessia (publicada por Bulhão Pato em *Memórias I*, de 1894); e um livro de António Arroyo (*A viagem de A.Q. à América do Norte*, 1916), com base na mesma fonte e em algumas outras informações avulsas. Ora Negrão, um algarvio assaz interessante, aventureiro e *bon vivant*, embora objetivo na sua narração, revelou-se impreciso nos pormenores, contribuindo assim para acrescentar exotismo à já lendária figura de Antero.

Na verdade, o escritor apenas de relance terá visto a América e quase nada terá contado digno de nota. Sabe-se, por exemplo, que passou alguns dias agradáveis em Halifax e arredores, e que foi sensível à tranquilidade puritana da «piedosa e suave cidade» (talvez Lunenburg, segundo Eça de Queirós); e que em Nova Iorque, onde aportou depois, passeou pelo Central Park, visitou uma exposição industrial, e pouco mais; uma persistente indisposição física e psíquica impediu-o de tirar proveito da exuberante metrópole, onde teve intenções de se demorar. Em contrapartida, há narrações bastante circunstanciadas da viagem atribulada a bordo do patacho «Carolina», a que não faltam detalhes pitorescos: na ida, Antero, quase sempre nauseado, terá preferido o isolamento, aproveitando

a travessia do Atlântico para estudar língua alemã, a par das leituras filosóficas (para um açoriano amante do mar, será por certo exagerado). No longo regresso (52 dias) uma violenta tempestade assolou o veleiro e o mal-estar agravou-se até extrema fraqueza; mesmo assim a fleuma de Antero fez-se notar, pois perante a ameaça de naufrágio terá permanecido no seu beliche, a ler Schopenhauer ou talvez o *Dom Quixote*...

AMM, cruzando dados de cartas, periódicos, arquivos históricos e outra documentação da época, aplica-se na desmontagem das muitas imprecisões que se contam sobre a viagem, a começar pelas circunstâncias que rodearam a partida. Contrariamente à versão corrente, o embarque de Antero, em 7 de Julho, não resultou de um impulso súbito, por desistência de João de Deus, atemorizado na hora de entrar a bordo; aliás foi em Lisboa, e não no Porto, que a decisão dos passageiros se acertou. Sobre a estadia em Halifax e sobretudo em Nova Iorque (onde ficaram cerca de um mês), a Autora não acrescenta propriamente dados novos, mas questiona os depoimentos. Duvida, com razão, do alheamento do escritor em relação à grande cidade, ele que tanto apreciara o «oceano humano» das ruas de Paris; e acredita que terá retirado bastante proveito intelectual dos passeios, das livrarias, da leitura de jornais e revistas. Não por acaso, pouco depois iniciava Antero um período de intensa inter-

venção pública, desde a fundação da folha *A República – Jornal da Democracia Portuguesa* (1870) às famosas Conferências do Casino.

Ao longo da obra temos acesso a muita informação lateral que contextualiza a vivência do escritor e do seu círculo de amigos. De assinalar as páginas dedicadas à formação política do jovem Antero em Coimbra, onde germina o seu interesse pela república e pelo federalismo americanos, inspirado em Proudhon e Tocqueville. A história literária do «Cenáculo» também é oportunamente convocada: curiosos apontamentos surgem, por exemplo, em torno da fabricação de Fradique Mendes e dos poetas «Satânicos do Norte», apresentados e comentados na imprensa lisboeta justamente quando Antero se encontrava na América. O último capítulo sistematiza a informação recolhida nos escritos do poeta sobre literatura norte-americana. Edgar Poe, Longfellow e Walt Whitman avultam entre os (poucos) autores que receberam a sua atenção: Antero chegou mesmo a traduzir um conto de Poe – *A Entrevista/The Assignment* (publicado em 1864 no jornal *O Século XIX*) – e a adaptar um poema seu, «To one in Paradise», a que deu o título «Do inglês de Edgar Poe».

Merece finalmente destaque a edição luxuosa do volume, feita com apurado trabalho gráfico e enriquecida com numerosas ilustrações.

Maria Helena Santana

MANUEL RIBEIRO, O ROMANCE DA FÉ
GABRIEL RUI SILVA

Lisboa, Editora Licorne, 2010

304 páginas, ISBN 978-972-8661-51-9

O que foi a vida do escritor, do homem e do cidadão Manuel Ribeiro (1878-1941) encontra-se hoje acessível à história crítica da literatura portuguesa no livro *Manuel Ribeiro, o romance da fé*. Por quê Manuel Ribeiro foi tão conhecido no seu tempo? É sob o signo da aliança entre política e religião que devemos atentar na evolução deste autor, hoje pouquíssimo conhecido, mesmo entre profissionais das letras. Ao equacionar a obra do escritor através de instrumentos da periodização literária, Gabriel Rui Silva empreende uma análise da sua produção numa linha cronológica e evolutiva. Esta opção ajusta-se ao intuito de dar a conhecer a complexidade do pensamento político e religioso de Manuel Ribeiro. Trata-se de um caso frequente em que a vida pessoal se liga à militância cultural e política, social e religiosa. Assim, o facto de ser funcionário, durante muitos anos, nos Caminhos de Ferro Portugueses, permitiu-lhe conviver com o meio operário, envolver-se nas suas causas, estabelecer relações políticas e culturais e aproximar-se da imprensa cultural.

O leitor encontra neste estudo, que originariamente foi uma dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Aberta, em 2009, uma fonte inesgotável de informações sobre todo um período da literatura e da cultura